ESPAÇO DE DIÁLOGO V - CONFORTO E QUALIFICAÇÃO CLIMÁTICA

ÍNDICE

- **A PERCEPÇÃO AMBIENTAL E A QUALIFICAÇÃO CLIMÁTICA NO MUNICÍPIO DE PARAÍSO DO SUL COMO SUBSÍDIO À ATIVIDADE TURÍSTICA** ____ **2**
- **GÊNESE E OCORRÊNCIA DE ONDAS DE CALOR NA REGIÃO CENTRAL DO RS ENTRE OS MESES DE MAIO A OUTUBRO** ____ **4**
- **EM BUSCA DO CONFORTO AMBIENTAL... PENSANDO A ARQUITETURA, ENCONTRANDO A GEOGRAFIA** ____ **7**

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL E A QUALIFICAÇÃO CLIMÁTICA NO MUNICÍPIO DE PARAÍSO DO SUL COMO SUBSÍDIO À ATIVIDADE TURÍSTICA

KARINA FRIEDRICH[1] PROFª. DRª. MARIA DA GRAÇA DE BARROS SARTORI[2]

O homem enquanto não se provar o contrário, é significativamente dependente da natureza, pois sua vida é condicionada pelo clima, tanto em termos econômicos como de lazer ou de saúde. Em razão disso, tornou-se necessária a realização do referido trabalho que tem por objetivo central a caracterização do espaço físico do município de Paraíso do Sul, com ênfase na analise da percepção ambiental e climática para substanciar a atividade turística. Trata-se de um trabalho de final de curso (monografia), que foi desenvolvido em duas instâncias: estudo teórico e pesquisa de campo. Neste sentido, a fundamentação teórica compreende três abordagens diferentes: Clima, Percepção e Turismo.

No que se refere à metodologia empregada no trabalho, pode-se dizer que além da delimitação espacial da área de estudo, caracterizada pelo município de Paraíso do Sul/RS, realizaram pesquisas de campo de dois tipos: registro de dados climáticos e aplicação de questionários para análise da percepção, no período de abril à setembro de 2001. Para aplicação dos questionários, foi selecionada aleatoriamente uma amostra de 35 pessoas residentes no meio rural e urbano de Paraíso do Sul. Esta amostra respondeu a questionário para avaliação da percepção ambiental, ou seja, na maneira de como as pessoas percebem certas paisagens do Município. Os dados climáticos utilizados são da Estação Meteorológica de Santa Maria, por serem mais precisos, e foram utilizados para a identificação do índice climático turístico, obtido pela fórmula proposta por Guerroult, com as seguintes variáveis: número de horas de brilho solar, a temperatura média e a duração da precipitação, sendo que os índices inferiores a 100 são considerados bons para a atividade turística.

[1] Professora de Geografia, Autora do Projeto.
[2] Orientadora do Projeto

Os resultados dos índices climáticos turísticos confirmam que o município tem aptidão suficientemente boa para o desenvolvimento do Turismo. As condições de tempo no município de Paraíso do Sul, satisfazem a todos, porque há ocorrência do nevoeiro de radiação, causado principalmente pela grande amplitude térmica diária, e que ocorre até certa hora da manhã, e então dissipa-se, proporcionando assim, "tempo fechado" e "tempo limpo" em um mesmo dia, beneficiando gostos diferentes.

O principal objetivo na aplicação do questionário entre pessoas residentes no município era, além de reconhecer a beleza cênica da paisagem, avaliar os adjetivos que tornam valorizados certos lugares e paisagens de Paraíso do Sul. Neste caso, as fotografias se constituíram no instrumento fundamental da entrevista, sendo que para a realização do mesmo foram selecionadas 7 fotografias, as quais representavam paisagens como: Açude das Garças, Cascata do Poço Verde, Morro Solitário, Cascata da Linha Paraguaçu, Balneário Pau-à-Pique, vista panorâmica do município de Paraíso do Sul, no sentido leste-oeste, e outra no sentido oeste-leste.

Lamentavelmente, não existe no município um projeto de turismo, setor que poderia contribuir para o desenvolvimento econômico do mesmo. Por isso, procurou-se fazer este trabalho também para auxiliar o governo municipal em investimentos neste setor, e, naturalmente, o clima é considerado o principal fator que exerce influência na atividade turística. Além do clima, também a maneira como as pessoas percebem determinada paisagem é importante em um projeto turístico.

Considera-se alcançados os propósitos deste trabalho, cujos resultados serão importantes para o desenvolvimento do Município no que se refere à área do turismo, e mais especificamente na questão ambiental e climática. Em virtude disso, foram sugeridas algumas idéias para futuros projetos, bem como para o desenvolvimento do município de Paraíso do Sul.

BIBLIOGRAFIA:

ANDRADE, J. V. de. Turismo:Fundamentos e Dimensões.São Paulo:Ática.1992, 215 pág.

CONTI, J. B. A natureza nos caminhos do turismo. In: RODRIGUES, A. B. (org.). Turismo e Ambiente: reflexões e propostas. São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 17-26

RODRIGUES, A. B. Turismo e Espaço – rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1997. 158 p.

GÊNESE E OCORRÊNCIA DE ONDAS DE CALOR NA REGIÃO CENTRAL DO RS ENTRE OS MESES DE MAIO A OUTUBRO

ROSSATO, PAULA SAVEGNAGO; -UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA / AVIMUT@BOL.COM.BR
SARTORI, MARIA DA GRAÇA; -UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA / MAGRACAS@BASE.UFSM.BR
MISSIO, LUIS RODRIGO; -UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA / LRMISSIO@YAHOO.COM.BR.

O clima é caracterizado por uma sucessão habitual de tipos tempo, mas isso não significa que não poderá apresentar variações, como períodos de estiagem em climas que se caracterizam por chuvas bem distribuídas ao longo do ano; dias de calor no inverno, em regiões onde nesta estação predominam as temperaturas mais baixas, ou, ao contrário, dias de frio no verão, quando regularmente as temperaturas são mais altas.

O Rio Grande do Sul tem características climáticas particulares, porém as médias térmicas podem apresentar variações que se contrapõe às habituais. É o caso das Ondas de Calor, fenômeno meteorológico que se caracteriza pela elevação das temperaturas máximas e mínimas diárias acima de 28°C e 18°C, respectivamente.

Baseado nesse contexto, analisou-se a ocorrência das Ondas de Calor, não na época de maiores temperaturas (verão), mas no período em que as temperaturas médias mensais tendem a ser mais baixas (outono, inverno e primavera, mais especificamente de maio a outubro), estabelecendo-se, além de sua gênese e ocorrência, a freqüência desses episódios, para que se pudesse determinar se são de fato tão excepcionais quanto as observações da população fazem crer.

Santa Maria foi eleita, como indicador espacial de análise, utilizando-se o período compreendido entre os meses de maio a outubro dos anos de 1973 a 2002. O clima da região de Santa Maria caracteriza-se por apresentar, segundo Sartori (2000), o mês mais quente (janeiro) com temperaturas médias acima de 24°C e média das máximas de 32ºC, a temperatura média do mês mais frio (julho) entre 13° e 15°C e a média das temperaturas mínimas entre 7° e 10°C. Já o outono e a primavera, possuem temperaturas médias intermediárias.

Foram consideradas como Ondas de Calor, os períodos de, no mínimo, três dias consecutivos em que as temperaturas máximas e mínimas fossem acima de 28° e 18°C, respectivamente, detectando-se a presença de 28 Ondas de Calor ao longo do período. Dessas, 9 aparecem nos meses de julho e 12 nos meses de outubro; as demais estão distribuídas nos outros meses, constando-se nenhuma ocorrência nos meses de junho.

Não se pode desvincular os eventos das Ondas de Calor das massas de ar responsáveis pela diversidade dos tipos de tempo no RS. De acordo com Sartori (2000, p.208), pode-se afirmar que o fenômeno em estudo pode estar ligado, ao domínio persistente, por ordem de importância, da Polar Velha (MPV), da Tropical Atlântica continentalizada (MTAc) ou da Tropical Continental (MTC), imposto pelo seu lento deslocamento; efeito da continentalidade que, pela manutenção das condições de céu limpo,provoca o superaquecimento da massa de ar. A organização dos sistemas atmosféricos persiste por vários dias em função da fraca atividade dos Anticiclones Polares, únicos capazes de impor mudanças nas condições de tempo ao invadirem a região com maior energia.

Em certas ocasiões, um fraco APA (Anticiclone Polar Atlântico) com massa polar descaracterizada e aquecida (MPV) invade o Estado, sem provocar frontogênese pela falta de contraste com o centro de ação e a massa de ar dominante, mantendo as condições de tempo bom e quente por mais alguns dias, o que resulta na fusão da APA com a ATA (Anticiclone Tropical Atlântico).

As evidências, como aumento gradativo de temperatura e direção predominante do vento, principalmente do quadrante Norte, mostram que as Ondas de Calor ocorrem em situações pré-frontais, com o domínio da MPV, MTAc ou MTC que impedem a entrada de uma MPA, capaz de trazer instabilidade frontal para a região.

Em termos de distribuição das ocorrências das Ondas de Calor entre os meses de maio a outubro do segmento temporal em estudo, distingue-se dois períodos. O primeiro compreende maio e junho, onde houveram episódios apenas nos meses de maio, isso porque, nessa época, as temperaturas ainda se mantêm mais elevadas, a ponto de caracterizar alguns episódios deste fenômeno, definidos como “Veranico de maio”.

O segundo período que vai de Julho a Outubro, os meses de julho, chamaram a atenção pelo seu número de ocorrência, isso porque, no inverno, o ATA está mais próximos do continente americano, atraído pela menor temperatura superficial nessa época do ano. Além disso, esse anticiclone adquire um aumento em sua potência barométrica, que irá gerar um maior obstáculo ao deslocamento do Anticiclone Polar Atlântico, bem como intensificação das frontogêneses devido ao confronto dinâmico por eles gerado. Dessa forma, se não houver a formação de um APA com força suficiente para fazer com que a massa de ar que está sobre o Estado recue, ela irá ganhar temperatura, podendo resultar em uma Onda de Calor.

EM BUSCA DO CONFORTO AMBIENTAL... PENSANDO A ARQUITETURA, ENCONTRANDO A GEOGRAFIA

RUSKIN FREITAS[3].

Pensar arquitetura é buscar a perfeita integração entre ambientes natural e construído. É também contextualizar-se: olhar o entorno geográfico, considerar a história, respeitar os valores culturais. Pensar arquitetura é considerar adequadamente a cota ideal de calor, luz, ar, ruído, que aberturas e vedações permitirão adentrar às edificações.

A construção do abrigo está comprometida com a busca por uma qualidade de vida em ambientes, teoricamente, melhores que o grande e imprevisível espaço natural. Esta relação, que liga um ambiente concreto a um desejado estado de bem-estar encerra diversos aspectos, tais como comodidade e amenidades físico-ambientais.

As variáveis aqui citadas, como abrigo e comodidade, nos levam à idéia de 'Conforto', termo que resume e, ao mesmo tempo, expande as possibilidades de compreensão do seu significado. Conforto nos dicionários, assim como no senso comum, é visto enquanto bem-estar psicológico, atrelado a ações de apoio e consolo, a sensações de alívio, suficiência, privacidade, segurança, identificação e comodidade. Um conceito um tanto quanto amplo, dando margens a diferentes interpretações e percepções, subjetivas, como nos romances e nas pinturas.

Já entre os técnicos, predominam as interpretações objetivas, como nos livros de arquitetura e engenharia, podendo o conforto ser, não só percebido, sentido, vivenciado, como também medido, classificado e normatizado. Neste âmbito, encontramos o conforto enquanto bem-estar físico, destacando-se os parâmetros ambientais perfeitamente mensuráveis de temperatura, umidade, velocidade do vento, iluminação, ruído e qualidade do ar.

Vivenciamos toda uma época de domínio da natureza pela técnica, ultrapassando barreiras, a partir de estruturas físicas como pontes e túneis, ou

[3] Arquiteto. Mestre em Geografia.
Prof. DAU/UFPE. Doutorando PROPAR/UFRGS. E-mail: ruskin37@uol.com.br

criando uma ambiência de sombra, luz, calor, silêncio, de acordo com nossa conveniência. Era motivo de orgulho não mais depender do ambiente natural. Hoje questionamos a nossa responsabilidade na conformação da inospitalidade urbana ou edilícia, ou seja, em torno do fato de enclausurarmos espaços, expormos ambientes, para em seguida nos vangloriarmos das conquistas de uma ambiência artificial, gerando um custo econômico e ambiental irremediável.

O conforto está presente nos 'subúrbios-jardins', com alamedas, grandes recuos e amplas áreas de lazer - qualidade de vida, garantida pela preservação legal de verdadeiras reservas ambientais - Ilhas de amenidades em meio a ilhas de calor. Nos 'condomínios de luxo', horizontais ou verticais, a infra-estrutura está presente e as diretrizes para o desenvolvimento urbano, saneamento básico e transportes urbanos são implementadas e funcionam a contento. Nas esquadrias dos modernos edifícios, vidros reflexivos filtram a radiação solar e garantem as visuais para desfrute da paisagem - ilhas de modernidade em meio a um mar de carência de toda sorte.

O conforto também está presente nos ambientes condicionados, onde a temperatura, a umidade, a iluminação estão adaptadas a cada atividade a ser desempenhada. A qualidade do ar é garantida por sistemas que isolam os ruídos urbanos e que deixam no exterior, a poluição do ar gerada pelos rejeitos de automóveis, indústrias e atividades humanas em geral. Além de produtividade e isolamento, o conforto também pode ser segurança, através do controle da acessibilidade, por meio de uma, nem sempre disfarçada, seleção daqueles que podem penetrar em tais ambientes.

O conforto térmico depende das diversas características de cada um dos vários tipos de climas existentes, sobretudo se considerarmos os microclimas formados nos aglomerados urbanos. A arquitetura necessita adaptar-se e procurar tirar proveito destas características, contribuindo para inserir ambiente e indivíduo numa 'zona de conforto', compreendida, geralmente, em temperaturas entre 22 e 280C, com umidade entre 30 e 70%, valores esses que ainda podem ser analisados segundo a ventilação da área e a adaptação dos habitantes.

O conforto lumínico dependerá fundamentalmente das características climáticas locais para determinarmos a utilização de iluminação natural nos ambientes internos, uma vez que a fonte primária de luz é o sol. Nos climas

tropicais secos ou úmidos, temperado ou frio, temos uma nebulosidade diferente, que somada aos aspectos térmicos influenciam na forma arquitetônica, na proporção entre cheios e vazios, na quantidade e dimensões de portas e janelas.

O espaço emerge como uma mercadoria, onde podemos comprar o conforto, através de cotas de verde, um pouco de sol, percentuais de luz e sombra. A construção da sociedade e a produção do espaço urbano confundem-se com a busca pelo conforto e, contraditoriamente, destruição do espaço natural. Agora o conforto e a qualidade de vida precisam ser objetos de legislação, sob o risco de ficarem restritos à memória, aos registros históricos e à vivência de alguns poucos que podem pagar pelo controle do ambiente.